N.º 156 (3.º)—(278)—6.º ANNO Quinta-feira, 6 de Novembro de 1913 Preço 20 rs.

Semanario de caricaturas a côres, critico e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ

DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ARLINDO BOAVIDA
ADMINISTRADOR
SERTORIO RAMOS

COMPOSTO, IMPRESSO E GRAVADO
nas Officinas Graphicas do jornal O ZÉ
Rua do Poço dos Negros 81, 1.º

Successor do jornal XUAO

Redacção e administração, R. do Poço dos Negros, 81

ADMIRANDO UM... CONSUL

CUIDADO COM ESTES ANIMAES

Quem gosta de Banana?

Do *Diario de Noticias*:

Escrevem-nos de Faro:

«Vai para quatro meses que os professores proprietarios das escolas de ensino normal de Faro, estão sem vencer os seus honorarios, facto que sumamente os tem ferido, pois se encontram na mais afflitiva das situacões, não tendo com que prover ao seu sustento nem ao de suas familias, que por signal são numerosas.

E' justo isto? Certamante que não. Alega-se para tal que nas regiões superiores da instrucção primaria se trabalha para a aposentação dos prestimosos funccionarios, recebendo estes os seus vencimentos, quando essa aposentação, lhes fôr concedida, mas tal explicação não é de molde a trazer consolo aos prejudicados com o facto, pois, se teem de esperar pela aposentação, terão ate lá como unico alimento o ar atmosferico, que sem duvida, não é bastante para a manutenção da existencia!...

Digne-se o sr. ministro da instrucção ordenar que se paguem, sem delongas, os vencimentos a que teem incontestavel direito os referidos funcionarios, e terá assim cumprido o seu dever. Este estado de coisas não pode protelar-se por mais tempo.

Foi para isto que criaram o ministerio da instrucção?! Foi para isto que criaram uma burocracia da instrucção, cára e improductiva?!

*

O sr' Macieira disse a um colaborador do *Matin* que nós abrimos 800 escolas primarias fixas e consignamos 250 mil francos ás escolas moveis, isto é, pouco mais do que ganha qualquer alto comissario nas plagas africanas!... Para completar a informação o sr. Macieira devia tambem dizer ao colaborador do grande quotidiano parisiense o numero de escolas fechadas e quantos professores ha que não recebem os seus honorarios ha mezes!

*

Segundo informam os jornaes, um agente da judiciaria foi á meia noite a casa da sr.ª D. Julia de Brito e Cunha e convidou a dita senhora a acompanha-la ao governo civil; isto com o intuito de não desrespeitar a lei, visto que havia mandados de captura contra ella.

Então a casa do cidadão não é inviolavel durante a noite? Ha alguma lei que mande fazer intimações á meia noite, ou couvites para ir ao governo civil?

*

O governo brazileiro determinou que os emigrados portuguezes que regressaram á Europa para conspirar contra o nosso paiz, não possam voltar ás terras de Santa Cruz.

Eis um alto exemplo de lealdade digno de ser imitado pelos governadores da Galiza.

Se assim procedessem nossos vizinhos, ninguem mais viria grupos armados na Portella do Homem.

*

Um estudante que é accusado de conspirador, foi fazer acto e ficou aprovado, voltando em seguida para a prizão. Ha quem encontre n'este caso muita tolerança por parte das auctoridades. Não nos parece.

Em 1851, Prudhom que se achava prezo por delicto de imprensa, passava os dias nas ruas a tratar da sua vida, voltando â prizão á noite, onde durmia. Aquillo não era uma prizão, mas sim um albergue!

*

O nosso colega *A Patria*, publicou ha dias uma *Chronica militar* onde se diz que para termos um exercito de 300 mil homens, carecemos d'um emprestimo de 30 mil contos! Cita como exemplo a Servia com 400:000 homens com uma população de 2:900:000 habitantes; a Grecia 300:000 homens para uma população de 2:438000 habitantes e a Bulgaria com 600:000 homens para 4:445:000 habitantes. Em vista d'estes numeros, um exercito de 300 mil homens é uma modesta aspiração. Se pudessemos ter um exercito na proporção da nossa população e em conformidade com as nações citadas, calculamos que deviamos mobilizar 800:000 homens.

Mas aqui temos a notar: os paizes citados teem exercitos e bem organisados, porque a sua administração é boa e os officiaes estão nas fileiras e não estão desempenhando funcções administrativas e burocraticas, como cá succede. Temos perto de 400 generaes que custam mais de 500 contos, ha perto de 1000 officiaes a mais dos quadros que custam outro tanto e os inativos, os disponiveis e os reformados que devem custar uns 1500 contos! D'esta forma o nosso exercito é muito caro e os 30 mil contos gastar-se-iam em augmentos de quadros d̤s necessarios. Adquiririam-se alguns materiaes, que lhe podia succeder serem encaixotados como os aeroplanos, que tanto enthusiasmo causavam e foram adquiridos por subscripção.

O sr. Dr. Affonso Costa, na revisão do orçamento cortou ao ministerio da guerra umas centenas de contos. Se os não cortasse, seriam devorados, e o exercito não estaria melhor do que está. A republica muito tem feito por elle, mas não cortou os velhos abusos dos tempos da monarchia que ainda, segundo se diz, continuam a subsistir. Exemplo: — a dadiva do cavallo aos officiaes, que custa ao paiz centenas de contos!

E não ha dinheiro para materiaes!...

*

Emquanto uns pedem milhares de contos para augmento da tropa, nas provincias, a emigração desenvolve-se com toda a força. A situação economica da nossa população, não melheorou. Ha fome nos campos, nas aldeias, nas villas e nas cidades! E no entanto o nosso solo é fertil e temos muitos hectares de terreno inculto.

*

O nosso collega *O Intransigente* continua a ser victima de uma perseguição tão odiosa, quanto injustificavel. Ha dias, segundo nos informam, eram apalpados os individuos que saiam da redacção d'aquelle jornal por dois policias bisonhos, d'esses que não sabem fazer uma participação em termos.

Se houvesse entre nós solidariedade na imprensa, aquelles factos não se repetiam e quem os determinasse seria obrigado a indemnizar as empresas dos prejuizos que soffrem com taes desacatos.

*

Segundo o nosso colega *O Rebate*, o *Martins das carnes* ganhou em 4 annos cerca de mil contos com as fornecidas á cidade de Lisboa. Quanto ganhariam os intermediarios que facultavam o negocio ao homem?

Pobre *Zé Povinho!* Explorado por todas as formas, és o eterno ludibriado dos tempos antigos e modernos.

Não tarda que o Martins faça de generoso offerecendo uns escudos aos albergues, para ser canonisado.

Se no nosso paiz alguem se interessasse pelo bem estar do *Zé*, o Martins não teria ganho os taes mil contos. Não! isso nunca!

Jean Jacques

Só a rir

Uma das coisas mais significativas da ultima fantochada monarquista foi o facto do bicho femea se haver mettido n'ella como piolho em costura. D. Constança da Gama, D. Julia Brito e Cunha, D. Adelaide Paiva e outras formaram a cohorte de Filipas de Vilhena que, n'um sacrificio prenhe de patriotismo, armaram seus maridos, armaram seus filhos e armaram, sobretudo, contra si a ratoeira republicana.

D. Constança tinha o facataz por D. Manuel. Alimentava a esperança d'uma corôa. E a prova é que se retirou á privada, ao que parece, quando o ex-rei se casou.

D. Julia organisara um hospital de sangue. Disse ella que era para acudir indistinctamente a monarchicos e a republicanos, mas é de presumir que o prefixo do adverbio fosse pronunciado por engano.

D. Adelaide era a costureira dos revoltados. Daria os pontos necessarios nas roupas dos heroes e organisaria os fardamentos dos *tenentes* como o Astrigildo Chaves.

De modo que as ambições destas mulheres resumiam-se no seguinte:

D. Constança, uma corôa.
D. Julia, o sangue.
D. Adelaide, o ponto.

Dar-se-hia o caso de se mudar o palacio das Necessidades para a rua do Diario de Noticias, na hypothese de vingar a intentona?...

*

Isto de dar confiança a petizes é quasi sempre desastroso para quem o faz. Todavia, occasiões ha em que é preciso, senão dar confiança por ahi além, pelo menos fazer ver á petizada que não se deve deprimir o pão que o diabo amassou.

Vem isto a proposito d'uma carta que um nosso ex-collaborador escreveu ao *Mundo*, explicando a sua attitude em face da nossa.

Podiamos discutir essa carta, mas não o fazemos. Reservamos isso para quando o nosso ex-collaborador for ministro do interior, governador civil, director geral ou outra qualquer coiza que se amolde ás suas pueris ambições.

O tal regulamento

Casou-se conforme é logico
Vaz Martins com Rosa Trágua,
E sem ordem do «biológico»,
Deu em casa um *copo d'agua*

Mas ao meio das saúdes
Cada qual mais burilada
Veio gritar a Gertrudes,
Que a casa estava cercada!

E o noivo em vez da delicia
Que gosava sem obstaculo
Pagou a multa á policia

Por dar em casa um *'spectaculo*!
Que «biologico talento
O do tal regulamento.

Oscar.

Gralhas

A *Lucta* fallando de um condemnado politico a cumprir sentença na Penitenciaria, chama-lhe *senhor conde de tal.*

Talvez fosse *gralha* typographica mas parece-nos que a *senhoria* é *paulitada* das boas.

De quem é o tal condemnado agora *senhor?*

Nem d'elle mesmo!

Bebam a AGUA DA CURIA

REMEMBER, Grande Champagne

Lingua comprida

Um conspirador qualquer, forajido em França, mandou desafiar para um duelo o nosso ministro dos estrangeiros, quando esteve em Paris.

E' claro que o ministro não acedeu á farronca do espadachim porque não podia nem devia fazel-o.

O interessante do caso é que o *heroico* conspirador não podendo «matar o sol pelas alturas» talvez ainda possa transformar-se em *apache* e matar quantos portuguezes apanhe.

Vade retro!

Já á França não vou não,
Ninguem p'ra tal me comove
Pois se visse o fanfarrão
O Simão
Tinha de fugir a nove.

*

E' das boas.

Na perspectiva da revolta *coutinhista* aquella velhota dos santinhos ali da rua dos Retroseiros, organisou um hospital de sangue para os feridos monarquicos.

A caridosa senhora que dá cartas na conspirata em vez de aconselhar que o sangue se evitasse, tinha fornecimento de pensos para centenares de feridos.

E' sempre sem pessimismo
O fero e mau despotismo
Do jesuita. o vilão,
Matar, ferir á vontade,
Com estranha crueldade
Como a infame inquisição.

*

Ha dias, um thalassa dos modernos, com o rotulo de republicano dizia que a recente conspirata tinha sido obra do governo!

Isto é unico!

O Coutinho esteve em Lisboa, naturalmente a pedido do chefe do governo e o conde de Mangualde foi para a penitenciaria «contractado» por alguns annos!

Ha quem diga d'essas sem que caia uma chuva de picaretas em brasa sobre a *cachola* do estupido figurão.

E' bem certo que a estupidez humana não tem limites!

Os thalassas arte-nova
Que merecem uma sóva
Sem que o povinho se excite,
Como brutos animaes
Dizem d'estas e p'ra mais
Acham quem os acredite

*

A camara municipal estuda a questão da velocidade dos malditos automoveis.

E' urgentissimo porque aquella porcaria está tomando um incremento enorme dentro da cidade constituindo um verdadeiro perigo.

Mas não se esqueça tambem a vereação de ordenar que se escolha a qualidade das gazolinas pois ha por ahi *auto-mata* que com o fedor empesta uma rua!

Pois um cidadão coitado
Vendo o tal *auto* a correr,
Se não morre atropelado
Fica sempre envenenado...
E morrer sempre é morrer!

Orlando.

Com bons modos

Uma senhora inglesa declarou que as sufragistas em vez de faserem a *grêve* marital, deviam convencer os maridos com muitas festinhas e etc., etc., a porem-se ao lado d'ellas.

Não é assim que as sufragistas querem os homens, mas se assim fosse talvez nos convencesse.

Carnêt d'um maduro

Valente! Victoria! Palavras mirabolantes, fantasticas e impulsionantes, ou por outra, a senha mediante a qual os *bravos* paladinos do Mônа Arquia, combinaram revolucionar o paiz, se o programa não tivesse sido alterado por um motivo imprevisto... para elles, talvez.

Mas afinal o ultimo movimento á falta de qualquer outra aplicação, serviu para provar que os monarquistas, ainda são os mesmos cagarolas e imprudentes de 5 d'Outubro. Uma colecção de policias em mau estado e com poucas aplicações, talvez bufos da ominóza, assaltam os camaradas d'outra esquadra, dando-nos assim um intermedio comico proprio d'assalariados baratos. Uma ou duas duzias de dandys pessimamente amestrados, mas aperaltados e smarts, pensam assaltar a bateria de Queluz, mas pouco depois dão ás canelas. Os grandes chefes da *rebolsão*, desaparecem ao ouvirem falar nas suas pessoas etc, etc.

Depois de taes provas de coragem e heroismo, ouso perguntar: O que quereriam elles dizer, adotando para seu uzo aos dois adjectivos: Valente, Victoria? Misterio! Quem sabe se era para nós sabermos que a D. Victoria tinha sido valente por aturar o desventurado Manél durante 11 dias? Os leitores que raciocinem e respondam.

Quanto a mím acho que já tive bastante paciencia em ter aberto este inquerito. Vejam se conseguem descobrir este enigma, e mandem-me a resposta... que o Coutinho está á espera!

Pevide sem Felix.

Ao amigo K K. To.

Se a sua Leonarda
Não tirou bom resultado
Da receita já enviada,
Foi por ser dente furado!...
Pois o meu *senso* dentario
Levou um golpe profundo
E por tanto o formulario
Já nada vale no mundo!

Apesar de pouca sorte
D'esta grande *derrocada*
Desejo livrar da morte
A senhora Leonarda
Para o que ahi remeto
Uma receita eficaz
Largos efeitos, prometo,
Não serem de um *Farrabraz*.

1.ª receita

Receitei p'ra quem quizesse
D'este mundo se mudar...
De mercurio duas onças
Envolta em resalgar...

2.ª receita

Receitei p'ra dores do ventre
Uma bella feijoada,
Produzindo os seus efeitos
A mais *fresca* limonada

Dr. Mostarda.

Resposta

Pois caro Dr. Mostarda
póde guardar a receita,
pois não quero desta feita
ver morrer a Leonarda!

K K. To.

Esperto

O dr. Lobo d'Avila Lima, depois de estar dez dias escondido, foi apresentar-se á policia.

Não é Lobo, é *lôba*!...

No aniversario do Chiado Terrasse

Tens mais um ano, Sabino,
no teu salão tão divino!
— Dá licença que te abrace,
sincero como não tens
em quem *não* vai ao **Terrasse**
dando-te os meus parabens!

K K. To.

Ferroadas

Pois senhores, o que nós precisamos é d'um bispo valente como o de Antun, que aconselha as suas ovelhas, e respectivos borregos, a não cumprirem as leis, quando ellas não respeitem a liberdade.

— Assim é que se entendem os homens grandes, vestidos com sáias de seda. Dizia o nosso Dias Ferreira: Não sei se vêem bem?

Nós tambem vamos dizer, aos leitores do «Zé», em que consiste a liberdade anciada pelo masmarro mitrado. As liberdades que convém á egreja e aos seus dilectos filhos, a cuja frente se encontra o representante do celebre Cochon, PROTECTOR da Pucelle. são as que lhes facultem a tosquia dos seus rebanhos, por todos os modos e feitios; a liberdade de mandar para o céu todos os que pretendam não se deixar «tosquiar»; a liberdade de exalçar manipansos, expondo-os á admiração dos papalvos; liberdade de queimar herejes, sismaticos ou livres-pensadores; liberdade para, em nome de Deus, metter no inferno todos que não sejam da J. C. L, que vem a ser a **Junta da Companhia de Loyola,** ultimamente descoberta em Abravezes, em casa de um digno homem grande, que é como quem diz, do padre da referida freguezia, que tambem é da companhia ou da J. C. L.

E' prohibido passar a menos de 100 metros de certos animaes.

*

Decididamente, Portugal nada tem a invejar a todas as nações. Segundo lêmos na «Lucta», acaba agora de descobrir-se no estrangeiro. que não póde haver parricidas, por se não admittir a possibilidade de haver filhos que tentem contra a existencia dos pais.

Entre nós, essa theoria tem alguns seculos.

Em 1362, mais uma vez passou por Santarem o rei D. Pedro, "o Justiceiro", que por todas as vezes que por ali jornadeava, era sempre visitado e presenteado com fructas e flores, por um bom homem do povo, que muito admirava e tinha em consideração, a rectidão do infeliz amante de D. Ignez.

Faltou d'esta vez a visita, a que o rei ligava muito estima, razão porque mandou inquirir das causas, sendo informado de que o pobre velho enfermára em virtude de uma valente sova que lhe tinha sido applicada pelo unico filho que tinha.

Immediatamente se pôz o rei a caminho da casa do rustico vassallo, que reconfortou com palavras de carinho, ao passo que, em particular interrogatorio á mulher do aldeão, conseguiu obter d'ella a confissão de que o filho que sovára o seu marido, tinha por auctor dos seus dias um frade do convento de S. Domingos, do qual não sabia o nome. mas que muito bem conhecia. Ordenou logo D. Pedro que, a communidade de S. Domingos sahisse do convento, de cruz alçada e desfilasse perante elle, que se achava acompanhado da mãe do VALENTE filho do frade, para esta lhe indicar qual dos frades era o pae do seu filho.

Ainda d'esta vez, o rei não logrou conhecer o frade, que tão bem imitava os cucos, indo pôr os ovos nos ninhos dos outros passaros, pois que, apesar da severidade da ordem (de cruz alçada), não compareceu o unico frade que estava doente, e que por isso foi visitado pelo rei e seu sequito, e reconhecido pela mulher do infeliz tareiado, como seu antigo amante, o que lhe valeu ser posto a ABANAR, pendurado em uma fôrca, para escarmento dos cucos da época.

*

Metteu-se na cabeça de meia duzia de patifes e uma centena de burros que, com a morte do dr. Affonso Costa, deixaria de vigorar a lei da separação das egrejas do Estado.

Percam as illusões e fiquem sabendo todos os masmarros e seus coripheus que a lei da separação, quando fôr ou venha a ser alterada, ha de ser para dar ainda mais garantias ao poder civil e acabar com algumas descabidas regalias, que a generosidade do dr. Affonso Costa ainda deixou a essas viboras, que só anceiam morder a mão que indevidamenie os protege.

Muito mal iria ao paiz, se as suas felicidades estivessem subjeitas á finalidade da vida de qualquer dos seus cidadãos.

Paraphraseando Tolentino, tambem eu vos digo:

— Ide-vos, míseros burros lazarentos...

*

Pergunta innocente: — Para onde iriam os galões e a pensão de um sujeito que se chama Machado Santos?

Abelha Mestra.

A visinha do lado

E' engraçadissima a comedia que o «Gymnasio» agora explora. São quatro actos em cheio, positivamente em cheio. Ha ali piada a jorros e acrescente-se que com o theatro alindado como está mais prazer dá vêr peça tão engraçada.

MAIS UMA FITA

Axerta o paxo Ramon pra quenun cahia o xol do noxo imperio

FITAS QUE PASSAM

Tragedia diabolica em 4 quadros feita por Camara Manuel com a cumplicidade de Gil Vieira

A scena representa o theatro do Borralho. Lá ao fundo as profundas do inferno, pintadas pelo Rogerio Machado que se pinta por estas coisas.

No caldeirão da platea fregem em ancia bastantes espectadores, o Albino Forjaz de São Paio, todos promptos para o sacrificio.

Estando o Matias Gaspar sentado ao Borralho vem o diabo, a fingir de actor e arranca-lhe o trabalho que tem tido para receber os credores que nada recebem.

Armando Coelho é o rei d'aquelle reino em chammas. Zanga-se ao entrar e pede contas; o Gaspar muito mathias do seu papel dá conta do recado e confessa que tem uma continha calada de dividas.

Entram os credores, cantam... que logo bebem, e depois a Filismina e a Zulmira armam em princezas e armam desordem. Querem joias, pedem fatos novos porque o Barbosa não dá melhor, e o rei diz que vae a Portugal buscar quem lhe endireite o orçamento que é torto como as suas reaes armas.

O segundo quadro apresenta um fenomeno: Um cofre á prova de fogo... de bengala, a que o Rogerio deu o nome de mala.

O Coelho diabo encontra um gafanhoto a vender jornaes. Não compra porque, diz elle, não sabe ler!

Esquecimento ou mudança de temperatura, pois que no inferno lê um jornal...

Passam-se os quatro actos, passa-se o tempo e o Coelho, que lê no primeiro e não compra jornaes por não saber lêr torna a lêr... os jornaes... de carne e osso — mais osso do que carne! — aprehendidos pelo Gaspar.

A Felismina e mais a Zulmira fizeram uma patuscada... á pesca e tiveram palmas. Armando Coelho um pouco acanhado na casaca, no chapeu... e no seu papel. E' sempre o mesmo, alegre e com orginalidade nas *buchas* que mette; espera-se que d'aqui a algumas noites tenha tudo na ponta da lingua.

O numero da imprensa tem graça, é declamado e foi bisado! Isto de bizar um numero declamado...

A revista agradou, todos trabalharam, o scenario é decente e o guarda roupa egual ao scenario. Muitas palmas a todos, muitas chamadas, ficando esquecido... o ponto, que teve um trabalhão dos diabos.

A Empreza Barbosa conseguiu mais nma vez uma pequena mina, provado como está o agrado com que ali se recebem as revistas, interessando sempre o publico d'aquelle populoso bairro.

A musica de Fortée é simples, mas escuta-se.

29-10-1913. *Vinicio.*

A Conspirata

Foi tão vilã a pifia conspirata
Que tinha algum valor lá p'rá canálha,
Que só deixou prender a vil 'scumalha,
Fugindo da chefia a melhor nata.

Vê-se bem que essa gente apenas trata
De nos anavalhar com ruim navalha
E que afinal a estupida metralha
Não passa d'infamissima bravata!

Alı não ha sequer intrepidez
Nem brio nem vergonha ou pundonor
Ha só uma aviltante medrondez

Alem da cobardia ha só rancor
Jesuitismo alvar a malvadez
De gente sem vergonha e sem pudor.

Orlando

O SEMICUPIO

(CONTINUAÇÃO)

Conselheiro Meu Deus! E' o ataque de ontem que se repete!...

Banana, (*com a cára cheia de mordeduras*) — Manda-se chamar o medico?

Armelio — Qual m .. medico... Arranje-me v... você um c... cacête e verá c... cômo isto lhe p... passa.

Conselheiro — Não digas asneiras. (*a Banana*) Que aflição, não sei o que hei-de de fazer...

Banana (*sempre amavel*) — Mas chama-se alguem.

Conselheiro — Não, não é preciso. O remedio é facillimo.. Se me arranjásses uma pouca d'agua a fervêr e um alguidar dava-se-lhe um semicupio.

Banana — Um semicupio!?

Conselheiro — E' remedio santo, acredita. Recupera logo os sentidos. Foi o que fizemos hontem...

Armelio, (*muito contente*) — Isso... isso .. q... queimem-lhe o a... anus.

Conselheiro, (*a Amaia*) — Anda. mexe-te vae ferv r a agua. .

Amalia, (*mvito lôrpa*) — Eu *nan tanho fogarero...*

Conselheiro — O' Banana, aqui no predio não móra alguem que nos podesse acudir?

Banana — A estas horas? (*batendo na testa*) *Eureka!* Talvez o *Aranhiço* nos possa valer... (*indo á porta e chamando*) O' seu Aranhiço!

Aranhiço, (*surgindo ao F.*) — Senhor Banana..

Banana — Oiça lá: A sua mulher não seria capaz de nos arranjar imediatamente uma pinga d'agua fervida e um alguidar...

Aranhiço, (*coçando a cóva dos ladrões*) — Você está a brincar comigo ou fala a serio?

Conselheiro — Avie-se homem, é preciso dar um semicupio a esta senhôra .

Aranhiço — Ah! Isso agora é outro falar. Está doente coitadla...

Conselheiro — Avie-se...

Aranhiço — Agua a ferver. arranja-se... Imagine vocelencia que a minha mulher ia mesmo agora abrir o chazinho... O alguidar é que é mais *defice!* .. Só lá temos um e é o da loiça...

Banana — Isso que tem?

Aranhiço — Tem que é uma porcaria muito grande. — Ora ahi está.

Conselheiro — Mas porcaria porquê?

Aranhiço — Porque lhe vão meter lá dentro, — com sua licença — o cú desta senhôra.

Conselheiro — Eu pago-lhe o alguidar... Mas avie-se, por amor de Deus. Vá depressa..

Aranhiço — Ah! Isso agora é outro cantar...

Consilheiro, (*para Amalia*) — Amalia, vae tu tambem, vae ajudar este senhor.

Aranhiço, (*derretendo-se em amablidades*) — Venha, menina, venha...

(Amalia e Aranhiço sáem).

(*Continua*),

Manuel Chagas.

Vade retro

Quer o *grande Antonio Zé*
Que o padreca, esse mariola
Torne a andar no seu *laré*
P'las ruas até á Sé
Sempre de *sarabatola!*

E esse famoso estadista,
Sem temer algumas váias,
Julga ser uma conquista
Vêr nas ruas bem fadista
A padralhada com sáias!

Pois não vou na *léria* sua,
Nem lhe lanço mal-me-queres,
Pois vejo que anda na lua!
....
Tomára eu até na rua
Sem sáias vêr as mulheres!

Simplicio.

«A Madrugada»

Publicou-se mais um numero d'este interessante semanario. Destacam-se os artigos «A Obra da Republica», de D. Maria Velleda; «Como a mulher deve conduzir-se», de D. Anna Castilho; «A imprensa feminina em Portugal», de Almeida Nogueira»; «O amor á humanidade», de D. Amalia Lages.

Magnificamente collaborado, como se vê, versando assumptos instructivos e educadores, a «Madrugada» apresenta-se, como sempre, como publicação que se destaca do que para ahi se publica.

E' distribuida gratuitamente aos protectores da «Obra Maternal», cuja quota mensal seja, minima, 100 réis.

O tigre velho

Maura declarou aos jornalistas que se afastava da politica.

Bem sabemos! Recúa para melhor poder formar o salto...

O DIVORCIO

Augusto, que cabellos tem na venta,
Casou com certa fêmea de feição,
E julgava-se alegre e bem pimpão
Usando no seu lar muita pimenta.

A sogra, que era velha e rabugenta,
E o sogro gordalhudo beberrão,
Vieram transtornar a situação,
Porém o pobre Augusto lá s'aguenta!

E diz prudentemente: — Se n'um lôgro
Cahi para aturar a sogra e o sôgro,
Tu, ó divorcio, és bom, mas não me logras!

Se casasse de novo, por intrigas,
Teria d'aturar, olhem que espigas,
Dois sôgros beberrões e... duas sógras.

Simplicio.

Carta aberta á Companhia dos Phosphoros

DENUNCIA E CONSELHO

Ex.ma Senhora:

Venho denunciar-lhe uma grande parte da população portugueza que, diariamente, com as suas economicas habilidades, a vae prejudicando consideravelmente!

Não me venho referir aos bons e economicos «isqueiros» que toda a gente uza, com o cordão da Companhia... de fiação e tecidos, porque isso já V. Ex.ª não ignora. A denuncia que hoje lhe faço, merece uma boa gratificação, que espero V. Ex.ª não deixará em divida. Os interesses de Vocelencia não estão ligados ás sopeiras de cozinha, com o fogareiro todo o dia acceso, porque um phosphoro por dia lhes basta. Vocelencia vive, como muitas mulheres boas, do vicio dos homens .. São estes que merecem especial cuidado no capitulo da vigilancia. Vocelencia, no legitimo direito que lhe tem assistido, de prejudicar o publico, não deve permittir, como até agora, que qualquer cidadão possa offerecer a outro o fogo do seu cigarro ou charuto, como estamos vendo centos de vezes ao dia! Isto, para Vocelencia, é um incalculavel rombo, se attendermos a que muitas vezes não conseguimos accender um só cigarro com todos os phosphoros contidos n'uma caixa, que nos custa um centavo, e o mesmo succede, com certeza, a todos os seus clientes. Já vê, Ex.ma Sr.ª, pelo exposto e pelo expôr, que o prejuizo é grande, maior que a principio se nos affigura.

E temos dito, n'estas ligeiras palavras, (no nosso entender), o bastante para uma boa gratificação.

Respeitosamente me subscrevo

Famalicão — Outubro 1913.

Pederneira.

Sorriso de perdição

Um sorriso encantador,
Que julguei ser verdadeiro,
Foi um sorriso traidor!
Sorria p'ró meu dinheiro,
Foi sorriso da desgraça,
Que tão forreta sendo eu,
Na minha tão rica *massa*,
Foi mesmo um ar que lhe deu.

Um velho.

Padres

Um padreca disse ahi por fóra que Portugal só teria socego quando o Papa se resolvesse a abençoal-o.

Pois venha de lá essa cousa.

O Papa abençoa e nós apresentamos-lhe as armas de S. Francisco.

R. I. P.

Morreu a D. Vicenta
Bem cruelmente injectada,
Por metter a mão, coitada,
Numa pia d'agua-benta.
....
P'ró céu foi encommendada

Ox.

"Intransigente"

Nesta era de Liberdade, em que vivemos, continúa a soffrer as mesmas perseguições este nosso prezado colega, folha diaria da tarde.

Não nos admiramos que isso succeda em pleno periodo biologico.

O destino dos destinos

Ha dias o sr. Antonio josé d'Almeida n'uma conferencia, declarou que os destinos do paiz estiveram já nas mãos do sr. Brito Camacho.

E não o desinfectaram?

Prevenção

Ninguem d'óra avante pode fallar das janellas dos ministerios, nem das da camara.

E' um espectaculo publico e teem á perna o biologico.

LYCEUS

Professor explicador habilitado explica os 4 primeiros annos do curso dos lyceus, e portuguez, francez, historia e latim para exame singular.—Preços convencionaes.

Carta a esta redacção a Z. Z.

Fugiu...

Tanta coisa se fez, tanta *reservada* em acção, tanto automovel pago com o dinheiro do estado e afinal o homem fugiu—e agora ainda concede entrevistas, para que se avalie a sagacidade e esperteza d'esses agentes do sr. Daniel Rodrigues.

Foi mais uma *biologice*.

XXXII

¿O que fez a Republica? Mudou os uniformes, substituiu o dinheiro, correu com o azul e branco da bandeira e fê-la verde e vermelho, democratisou os nomes das ruas, etc., etc., e quasi não tem sahido destas grandes medidas d'espalhafato mas insufficientes para reformar a sociedade portugueza. As grandes reformas, as reformas proveitosas são as de costumes: essas, sim, que bólem com o nosso viver, com a maneira de encarar a vida e tudo que a ella diz respeito. Essa os governo: apenas, e mal, a teem esboçado, mas fazemos-lhes a justiça de crêr que semais não fazem é porque lhes falta envergadura. O grande caso é que palradores tinhamos muitos, ma reformadores..

Assim a Republica ainda não fez a grande reforma, a unica que salvaria o paiz: a da instrucção e educação.

E a grande verdade é esta: podemos nadar em superavits, podemos rebentar de tanto arrotar a dreadgouths e canhões Krupp, que em quanto fôrmos instruidos e educados pelos moldes antigos não sahiremos do atoleiro em que nos atascámos. Só creando iniciativa, só desenvolvendo a inteligencia, só rebustecendo o musculo conseguiremos um dia dizer que temos direito a ser incluidos nos povos que progridem. Até lá não. Mudámos de lettreiro, pintamos a fachada de novo, mas na arrumação da casa quasi nada fizemos e tanto havia que arrumar. O que é urgente é cuidar antes de tudo do professòrado primario, pois êlle tem nas mãos o Portugal d'amanhã. Devemos eleva-lo em consideração e respeito mas devemos igualmente fazer-lhe vêr bem claramente a importancia da sua missão e prepara-l'o para que a desempenhe com consciencia e saber. Aboliu-se o regimen monarchico mas pouco se melhoraria se não se abolir a educação jesuitica das nossas escolas, e não vemos que isso se faça. Assim caminhamos mal pois não é com a imbecilidade que hoje sahe das escolas, não é com esses portuguezes timidos, receosos de toda a ennovação, fieis respeitadores do que encontram estabelecido que se conseguirá levar ávante a grande obra de regeneração nacional que só do trabalho provirá, que só o cerebro instruido e o musculo desenvolvido fomentarão.

No dia em que constituir governo um grupo d'homens que encare de frente o grande problema, o educativo, então diremos que a Republica foi implantada de facto.

De resto o vestir uniforme azul ou encarnado, o fazer as contas em réis ou centavos, o tirar o chapeu ao azul e branco ou ao verde e vermelho, o dizer Largo 28 de Janeiro ou Largo de Santa Barbara não modifica o nosso espirito incapaz de qualquer iniciativa arrojada, que tem gasto 20 se não tiver garantidos 40.

E ainda mênos o farão os superavits magicos que um qualquer Marquez de Pombal se lembre de fabricar para cegar com poeira d'ouro o povinho embasbacado a fim de que elle não veja os seus attentados á Liberdade e á Justiça.

E. Z.

Concerto Bland

Em breve, muito em breve, inaugur m-se os concertos dominicaes pela orchestra Bland, composta de 85 mestres, sob a batuta de D. Pedro Blanch. O regente, que fez este verão uma larga viagem ao extrangeiro, adquiriu preciosas novidades, que se apresentarão nos programmas d'este salão.

O QUE SE DIZ

Conforme dissémos, a «Visinha do lado» apresentou-se no **Gymnasio** com pilhas de graça, sendo o seu desempenho muito completo e os principaes interpretes receberam ovações calorosas. No **Republica** inaugurou-se a epocha com uma casa á cunha. A «Labareda» teve mais uma noite de successo e a seguir representou-se o «Hamlet». A companhia do **Republica** é muito completa, brilhando no seu elenco Ferreira da Silva, Brazão, Rosa, Angela Pinto, Itala Fausta, etc., etc. Em breve começam os concertos Blanch, mimosas reuniões d'arte, em «matinée», aos domingos. Póde dizer-se em pleno successo a «Mulher de Marmore» no **Trindade,** e isso justifica-se pela belleza da partitura e admiravel interpretação, destacando-se a notavel cantora Judice da Costa. O grandioso triumpho do **Avenida** é a opereta «Flôr da Rua», o que é confirmado pelas enchentes de todos os dias. Etelvina Serra é graciosissima, José Ricardo engraçadissimo e os demais n'um conjuncto muito harmonico. Adriana Noronha é um soprano de grande valor, que se estreia na «Canção do Trabalho», peça que o **Apollo** vae explorar. E' peça de costumes andaluzes e, como tal, terá alegres bailados, guarda-roupa vistoso e apparatoso scenario. De facto a empreza esmera-se na sua montagem.

Continúa chamando grossa concorrencia o «Peço a palavra», ao **Rua dos Condes**. O seu elenco foi augmentado com um elemento preciosissimo: Filomena Lima e, em breve, a notavel artista Maria Frazão tambem se apresentará n'este palco. Em ensaios, a phantastica «Patté Journal», que nos dizem ser engraçadissima e de boa musica. No **Moderno** temos a revista «Grotescos», que é das melhores revistas populares que por ahi apparecem, tendo piada vasta e musica alegre. E no **Coliseu?** Sim, o que ha pelo **Coliseu dos Recreios?** No **Coliseu** estrearam-se, na segunda-feira, a Familia Cliquet e os Nelson Broheur, que fazem um trabalho animadissimo, qual é o de cyclistas patinadores. Para muito breve, annuncia-se o incomparavel Vasco, musico, precedido da maior fama, e que vem de percorrer os primeiros circos mundiaes. Continuam exhibindo-se os 6 ferozes leões, apresentados pelo destemido e arrojado Steil, o homem que todas as noites expõe a vida e arrebata o publico com seu arrojo. Ainda ha no **Coliseu** mais attracções muito valiosas, que omittimos n'este relato, pois que n'outros numeros já a ellas nos referimos, o que tudo visto e analysado nos leva a dizer que funcciona actualmente no **Coliseu** a mais bem organisada companhia de circo de toda a Europa.

Cines

Chiado-Terrasse — As fitas de maior novidade.

Olympia — As fitas de maior sensação.

Central — As fitas mais emocionantes.

Loreto — As fitas falladas mais apreciadas.

Trindade — Quo Vadis?

Cine-Paris *(na feira)* — As fitas de maior entusiasmo.

Ideal *(na feira)* — As fitas mais grandiosas da actualidade.

O «Germinal», em fita

A prodigiosa obra do grande Emilio Zola, que todos os operarios, que todos os que trabalham deviam conhecer, apresenta-se, entre nós, em fita, n'um dos melhores cines da capital. Todas as scenas do genial trabalho do illustre realista são reproduzidas com a maior fidelidade e a sua reproducção em «fita» dá logar a que o publico possa gozar encantadoras vistas panoramicas. A todos recommendamos esta «fita», que não só distrae como educa. Lêr o «Germinal» é um dever de todos os que se preoccupam com a questão social, mas os que o não podem lêr, por qualquer circumstancia, que não deixem de o vêr. O «Germinal» é das obras em que melhor se revela o intellecto de Zola, do grande Zola, que se deve venerar sob o triplice aspecto da moralidade educador e apologista d'uma instrucção racional.

Fidalgas que nem burguezas são

As baixezas ou intrigas
Já não fazem mal nem bem;
Porque certas inimigas
Mal podem ferir alguem!

Dão-me horas venturosas,
O' filhas das vossa mãe;
Pagarei traição com rozas...
Cada qual dá o que tem!

Zé Pequeno.

A Nova Aurora... thalassa!...

A ministra[ ] da justiça[ ] e o seu ajudante, dão os ultimos retoques na sua primeira[ ] obra de misericordia.